

Movimentos Jiadistas: Ideologias, Estratégias e Objetivos*

Nuno Lemos Pires

Coronel do Exército. Doutorado em História, Defesa e Relações Internacionais. Professor da Academia Militar. Participou em missões em Moçambique, Angola, Paquistão e Afeganistão. Tem nove livros publicados e participou em mais de 100 livros, artigos e projetos relacionados com a história militar, a estratégia, o terrorismo e as relações internacionais.

Resumo

Este artigo tem dois objetivos principais. Primeiro, apresentar os movimentos jiadistas em quatro grandes grupos: a Al-Qaeda, o Daesh, os independentes e os híbridos. Segundo, diferenciar a ação dos grupos em jiadismo violento e não violento. A análise junta a geopolítica, o caráter interno dos Estados, a transnacionalidade do fenómeno e a multiplicidade de critérios de classificação, segundo as três dimensões propostas: ideologias, estratégias e objetivos.

Abstract

Jihadists Groups: Ideologies, Strategies and Goals

The paper has two main goals. First, it presents the Jihadist groups dividing them into four groups: Al-Qaeda, Daesh, independents and hybrids. Second, it differentiates jihadism in its violent and non-violent manifestations. This analysis puts together geopolitics, States' domestic affairs, transnationality of the phenomenon, and the multiplicity of the classification criteria according to three proposed dimensions: ideologies, strategies and goals.

* Agradeço ao Embaixador Francisco Henriques da Silva as excelentes sugestões, as quais contribuíram para a melhoria do artigo. Artigo concluído em julho de 2017.

Os movimentos jiadistas podem ser divididos em quatro grandes grupos. Os que se associam à Al-Qaeda constituem um grupo, os que escolhem o Daesh são o segundo, os que afirmam a sua independência e autonomia relativamente a filiações diversas constituem um terceiro grupo e, finalmente, os que apoiam ou se identificam com ou como grandes movimentos de caráter político, os híbridos, serão o quarto grupo. Tanto para o caso da Al-Qaeda como para o Daesh há formas muito distintas de mostrar sintonia e objetivos comuns. Há grupos que se consideram ramos do grupo principal e há outros, com bastante mais autonomia, que se consideram afiliados aos primeiros. Assim temos, para os dois primeiros, para além do grupo central (Al-Qaeda e Daesh), os respetivos ramos e os afiliados declarados.

No terceiro grupo, dos jiadistas autónomos, encontramos uma tendência mais regional ou étnica. Embora se possam encontrar, em determinados casos que avaliaremos mais à frente, componentes de afirmação ideológica que são comuns à Al-Qaeda, ao Daesh ou a filiações xiitas, estes grupos encontram-se tipificados conforme as regiões. O que os distingue são os objetivos geopolíticos que perseguem, a influência de quem os apoia (desde possíveis Estados até interesses transnacionais) e o grau (modo) em que utilizam o jiadismo, ou não, como principal motor da sua ideologia afirmada.

Por fim temos o quarto e último grupo, os que apoiam ou fazem parte ou simplesmente se identificam com partidos e movimentos políticos, mostrando assim projetos híbridos, entre a ação política e o apoio a projetos jiadistas. É a classificação mais difícil de fazer porque gera sempre imensa controvérsia. É o caso do GIA, do AIS e do MIA e a sua possível ligação ao FIS na Argélia¹, as Brigadas al-Qassam com o Hamas, os movimentos políticos como a Irmandade Muçulmana ou o Hezbollah que recebem classificações muito diversas conforme o tempo, a circunstância e o ator internacional que a atribui. A classificação dada aos movimentos jiadistas varia de acordo com a proximidade geográfica, política e transnacional. O que para uns é um Movimento Jiadista, para outros, não passa de um simples partido político, de um movimento de resistência ou de uma organização cívica. Também, o que para uns se classifica de “terrorista” para outros pode ser “combatente da liberdade”. O facto de um determinado grupo estar dentro de um espaço geopolítico de um Estado também pode fazer toda a diferença em quem classifica, apoia e propõe, formas de combater os mesmos.

Também se deve destacar que os movimentos jiadistas podem ser separados pelo uso, ou não, da violência como meio de atingir um determinado fim político. Ou seja, podem existir movimentos jiadistas que utilizem linguagens, narrativas e programas, bastante assertivos, por forma a conseguirem determinados fins políticos

1 GIA, AIS e MIA, respetivamente, Grupo Islâmico Armado, Exército de Salvação Islâmico e Movimento Armado de Salvação (as siglas são em francês) e FIS (Frente Islâmica de Salvação).

mas que defendem, simultaneamente, o não uso da violência para o atingir. Esta diferença é significativa no entendimento da procura dos instrumentos de resposta e da ação política, como se esclarece mais adiante.

Que fique claro, o problema do jiadismo radical é grave, e todas as suas dimensões estão intimamente ligadas². Neste artigo, com base numa utilização das ferramentas da geopolítica, faz-se uma seleção cirúrgica de alguns dos mais importantes movimentos jiadistas que atualmente se conhecem e, a partir daí, tipificam-se as principais ideologias que defendem, as estratégias que perseguem e os objetivos que pretendem atingir.

O Daesh

O Daesh é “uma organização política híbrida” (Duarte, 2017, p. 157) que se organiza em três tipos de elementos: os “Jiadistas” propriamente ditos, que fazem o combate direto e a administração dos territórios ocupados; os “Islamitas” para conduzirem a política contra os restantes poderes e, por último; os “Fundamentalistas” apoiantes, que garantem uma corrente de adesão, quase sempre sem retorno, a uma visão de um Islão profundamente radical³, que alimentam os dois grupos anteriores.

A principal ideologia anunciada pelo Daesh é bastante simples: (1) que o Islão, como último passo na evolução das religiões do *Livro* (as outras são o Judaísmo e Cristianismo), constitui-se, assim, como “a religião superior a todas as outras” e capaz de se tornar na única no mundo (Qutb, 1964, p. 5 e 14); (2) que o profeta pregou, combateu e dirigiu a política superior, somando a condição inseparável de Estado e Religião⁴; (3) que as cisões no Islão ocorreram em ambiente de guerra/conflito⁵, ou seja, que é expectável o uso da violência, que é necessário um “caminho de sangue e combate” para demonstrar o caminho certo, mesmo entre muçulmanos, onde os xiitas são apresentados (atualmente) como uns dos maiores inimi-

2 “Hoje o jiadismo está ascensão. Osama bin Laden pode estar morto, mas temos um novo califado, um Estado Islâmico maior que a Grã-Bretanha, com uma população de mais de seis milhões de pessoas e uma coleta diária de 4 milhões de dólares. As pessoas estão a ser decapitadas, cruxificadas e queimadas vivas em nome de Alá. Soldados britânicos estão a ser decapitados nas ruas de Inglaterra. Jiadistas armados entram no parlamento canadiano. Fãs dos concertos em Paris são massacrados sem restrições por *mujahedins* armados com kalashnikovs e, funcionários públicos, numa festa de Natal na Califórnia, são insultados em nome do Imperador do Islão” (Gorka, 2016, pp. 52-53).

3 Usando retóricas apocalípticas e muito pouco religiosas: “Não é o Islão que oferece o racional para a violência (pelo contrário) mas sim o ambiente apocalíptico, radical e transcultural, que é importado para qualquer religião e para dentro de muitos secularistas” (Flanery, 2016, p. 10.).

4 “O Islão é um modo de vida” (Qutb, 1964, p. 25).

5 Xiitas, sunitas e carajitas, depois da batalha de Siffin em 657 D.C.

gos e apóstatas⁶ ou, sempre que possível, trazendo também o caráter étnico, como o de árabes contra yazidis ou curdos.

A ideologia apregoada é radical, absoluta e profundamente violenta. De um lado estão os que escolheram o lado certo, ao lado do Daesh, e do outro estão todos os restantes, que estão errados. Ao contrário dos afiliados da Al-Qaeda, que referiremos à frente, a prática de morte e tortura sobre outros muçulmanos é permitida e, praticamente, não há limites para o uso da violência e dos instrumentos de submissão. Usam todos os meios possíveis para difundir a sua mensagem radical e intimidatória. Das mesquitas aos carros com megafones nas ruas dos territórios ocupados até, e principalmente, usando o espaço virtual para tentar chegar ao máximo número de pessoas possível. Ou seja, fazem operações de propaganda e ações em todos os *media* e plataformas cibernéticas disponíveis⁷, desde as revistas *Dabiq*, *Dar-al-Islam*, *Konstantiniyye* e *Rumyiah* às *webpages* *Al-Furan* e *Al-Hayat*⁸, tudo sustentado por uma sólida organização financeira⁹.

A ideologia anunciada aposta numa postura global. A solução é só uma mas divide-se em várias fases. O estado final (*end-state*) é o mundo sob dominação neo-salafista radical – a *Umma* (comunidade dos crentes) estendida a todos¹⁰. Por fases, será – consolidar a *Umma* nos países de religião maioritariamente muçulmana¹¹, expul-

6 A revista *Dabiq* n.º 13 é toda dedicada ao combate aos xiitas a quem chamam *rāfidah* (que significa rejecionistas). “Os xiitas são apóstatas por isso merecedores da morte e também não poupam outros grupos sunitas: a Irmandade Muçulmana e o Hamas traíram o Islão” (Rato, 2016, p. 14).

7 Fundamentalmente dirigida para o interior das comunidades muçulmanas: “a esmagadora maioria da propaganda terrorista nos *media*, das passadas três décadas, tanto do Daesh como da Al-Qaeda, é propaganda interna, dirigida para recrutar e encorajar novos adeptos” (Nance, 2016, p. 383).

8 O Al-Hayat Media Center socorre-se de vídeos propagandísticos como o “Flames of War”, revistas como a *Dabiq*, a *Dar-al-Islam* (dirigida fundamentalmente contra a França), a *Konstantiniyye* (dirigida contra a Turquia), e desde setembro de 2016, a revista *Rumiyah*, quer em árabe, quer em inglês e outras línguas europeias.

9 Após a conquista de Mossul ficaram com 313 milhões de dólares em ouro que havia no banco local (Luizard, 2016, p. 23). Humud, Pirog e Rosen (2015) identificam como principais fontes de receita do Daesh: a venda de petróleo e de gás natural; a venda de antiguidades; a imposição de impostos, extorsão e apreensão de bens; raptos para resgate; ajuda externa e a produção agrícola. A falta de pagamento de impostos pode implicar a decapitação (Nance, 2016, pp. 107 e 260-276).

10 “A grande sociedade islâmica de árabes, persas, sírios, egípcios, marroquinos, turcos, chineses, indianos, romanos, gregos, indonésios, africanos (...) incluía pessoas de todas as nações e raças (...) Esta civilização maravilhosas não era árabe (...) era uma civilização islâmica. Nunca foi uma nacionalidade mas sempre uma *comunidade de crentes*” (Qutb, 1964, p. 38, *italico no original*).

11 Através da *Sharia*, como pode ser lido na revista *Dabiq* n.º 8 em que se afirma, na capa, que a *Sharia* irá dominar todo o continente africano. “Em quase todos os vídeos de propaganda do

sar os infiéis, substituir os governos corruptos e, em oposição ao grande projeto iraniano-xiita, com a afiliação de cerca de 35 grupos espalhados pelo mundo que juram obediência ao Califa¹². Em segundo – refazer o “Califado histórico” (numa versão agora alargada que vai desde a Península Ibérica aos confins da Ásia, incluindo as regiões das Filipinas e da Indonésia) e, por fim – dominar o mundo¹³. Na revista do Daesh, a *Dabiq* n.º 1, estão os passos que Al-Zarqawi (considerado com o fundador deste grupo, embora ainda não tivesse a designação atual de Daesh/ISIS) identificou para levar a cabo um plano estratégico: primeiro fomentar a *hégira*, ou seja, convencer o maior número de adeptos possíveis a viajar para as “Terras do Islão”; em segundo lugar, com todos os que chegassem, e reunindo os que lá estavam, fazer a *jama’ah*, a congregação e preparação dos verdadeiros crentes, para o combate futuro; em terceiro lugar, atuar para conseguir destabilizar os *taghut*, os denominados idólatras, e perseguir outras confissões e etnias adversárias como os xiitas, os yazidis ou os curdos; em quarto lugar, conseguir o *tamkim*, ou seja, a consolidação do território; e finalmente, em quinto lugar, conseguir “reerguer o Califado”.

Num segundo plano da sua estratégia geral utiliza uma postura regional. O Daesh propõe a destruição das organizações estatais impostas pelos “ocidentais” e alimentadas pelos “governos corruptos”¹⁴. Sem propor diretamente novos Estados

Estado Islâmico, veem-se jiadistas a fazer um gesto com um dedo a apontar para cima. Muitos interpretaram este sinal incorretamente como sendo um apontar para o Céu, para Alá. É, de facto, um sinal salafista-jiadista que significa unidade, *tawhid*. Todos devem pertencer à comunidade, *Umma*, ou então devem morrer” (Gorka, 2016, p. 75).

- 12 Qutb (1964, pp. 14-15) escreve que não se pode negociar com povos de outras religiões “Nunca! A implantação do verdadeiro Islão será um longo caminho, mas é o único caminho”. A descrição exaustiva de todos os grupos que juraram aliança e obediência ao Daesh encontram-se no capítulo “Where they are” em Nance (2016, pp. 69-137), incluindo grupos presentes no Líbano, Jordânia, Líbia, Egito, Nigéria (Boko-Haram), Turquia, Iémen, Índia, Afeganistão (*khorosan*), Bangladesh, Filipinas, etc.
- 13 “Os jiadistas querem recriar o que eles entendem como um Califado através da junção de dúzias de países muçulmanos no mundo. Querem impor ordens e leis religiosas justificando que são ordens de Alá. Não têm qualquer tolerância por leis escritas por homens e toda a política deve estar subordinada à fé. Os jiadistas opõem-se ao secularismo e tentam impedir o crescimento das democracias, em especial nos países muçulmanos. Pretendem um objetivo milenar – dominar o mundo” (Phares, 2007, p. 19).
- 14 Inspirado nas acusações de Al-Suri e Naji onde se faz referência ao período que medeia desde as segundas e terceiras cruzadas, respetivamente, passando por Napoleão Bonaparte até à Guerra do Golfo em 1991; assunto também desenvolvido no meu livro *Resposta ao Jiadismo Radical* ou ainda, relevando o carácter histórico, do século XIII, deste argumento: “numa *fatwa* de Ibn Taymiyya (...) que qualquer governante muçulmano que não fizesse cumprir a *Sharia* ou seguir a rigorosa prática islâmica já não seria muçulmano mas, de facto, um apóstata e um descrente” (Andrews, 2016, p. 37).

(para o Daesh há apenas um Estado no mundo, que é o “Estado Islâmico”), destrói fronteiras e aponta amigos e inimigos baseados na religião e etnia – de um lado estão os sunitas salafistas radicais e do outro estão os xiitas, os yazidis, os curdos, os cristãos, os judeus, os descrentes (cada um com graus muito diferentes de aceitação, e anunciada repulsa, para propor ações punitivas distintas – no tempo, na fase da campanha, na violência exercida, conforme a importância relativa sobre as populações).

Num plano mais focalizado, a estratégia passa por privilegiar as autoridades locais. Tal como Al-Suri defende na sua obra do Jiadismo global, primeiro é preciso cooptar as tribos locais, deixando-as manter o poder sobre o comércio e as populações, desde que, em troca, lhes sejam dadas algumas condições – a aplicação estrita da *Sharia*, o respeito pelo poder absoluto das chefias superiores e a implementação de uma organização política de um “Estado Islâmico”¹⁵. Aposta ainda no bem-estar social dando ênfase aos serviços prestados, como por exemplo, através da ajuda aos pobres, inválidos, órfãos, viúvas, familiares das vítimas de ataques aéreos, subsídios às escolas, restabelecendo serviços públicos, controlando e verificando os preços dos bens essenciais, apoiando os tribunais e forças de polícia local no seu território, cobrando impostos e assegurando a distribuição¹⁶. Faz e anuncia castigos muito populares como, por exemplo, punindo a corrupção e os atos que consideram indecentes como a pedofilia, homossexualidade, adultério, consumo de droga ou outros vícios (publicamente de forma cruel e específica de acordo com o *crime* através de decapitações e crucificações)¹⁷.

15 O Daesh exerce a sua governação em espaços afastados através das *wilayat*, que são províncias – territórios – que juraram fidelidade e obedecem ao “Califado” e, como “Estado”, através de *diwans* (departamentos) que correspondem a todas as áreas governativas (Al-Tamimi, 2016). Nance (2015) identifica quatro medidas que o Daesh adota para que a população local o reconheça como governo legítimo: a proteção dos comerciantes, a distribuição de comida e caridade aos pobres, a oferta de perdões aos antigos inimigos e o estabelecimento de tribunais de *Sharia*.

16 “As tarefas nesta fase são: (1) disseminar e preservar a segurança interna; (2) providenciar comida e medicamentos; (3) defender a região de ataques externos; (4) impor o sistema da *Sharia*; (5) treinar a juventude para uma sociedade de combate; (6) trabalhar para a expansão da *Sharia* e das ciências mundiais; (7) edificar uma agência de informações; (8) unificar as pessoas através de financiamento e da governação da *Sharia*; (9) obrigar os hipócritas internos a esconder a sua descrença e obedecer à autoridade; (10) atacar os inimigos; (11) estabelecer ligações e (12) conseguir meios para participar como um emirato dentro do Califado” (Naji, 2006, pp. 17-19).

17 São os grupos denominados de *Hisbah* (prestar contas), uma espécie de Comité da Virtude e para a prevenção dos vícios, organizados em batalhões sob o comando de um Emir da *Sharia* e geralmente atuam em veículos com um ou dois homens, vestidos de preto (*dishdashas*) (Nance, 2016, pp. 221-222).

A ação visível do Daesh prende-se com o primeiro objetivo da grande campanha política do jiadismo radical, ou seja, de consolidar um território sob o seu domínio. A atuação fora destes domínios deve ser compreendida como acessória e em apoio a esta matriz. Os ataques na Europa¹⁸, nos EUA, ou em qualquer outra parte do mundo, visam dois grandes objetivos, um interno (e o mais importante) e outro externo. O interno é mostrar aos muçulmanos que apoiam o Daesh que os inimigos exteriores, nomeadamente os ocidentais, são fracos e vulneráveis (doutrina defendida claramente nas obras de Sayyid Qutb em 1964, ou por Al-Suri e Naji em 2004 e 2006). O motivo externo visa desmoralizar as opiniões públicas para que os respetivos países deixem de enviar forças e meios no apoio aos seus aliados regionais e, concomitantemente, conseguir levar a um afastamento (expulsão) constante das pessoas de outras origens e religiões dos territórios de predominância muçulmana (tanto em áreas de negócios, como nas comunidades, ou evitando o turismo e a cooperação internacional). A revista do Daesh, *Dabiq* n.º 15, é toda dedicada à luta contra os cristãos e outros “descrentes” e a mensagem é muito simples: “porque vos odiamos e vos vamos combater”. O objetivo final é sempre muito claro “a guerra só terminará quando a bandeira negra (*tawhid*) flutuar sobre Constantinopla e Roma” (*Op. Cit.*, p. 7).

A Al-Qaeda

A Al-Qaeda tem vindo, em especial no último ano de 2017, a capitalizar o apoio dos *desiludidos* pela ação demasiado violenta do Daesh e, simultaneamente, a tirar o melhor partido possível da força que esse grupo conseguiu transmitir. A Al-Qaeda, em 2013 e 2014, quase que se “apagou” do espaço mediático mas, a partir do Verão de 2016, regressou em toda a força¹⁹.

Para não se repetir muitos dos princípios, que são parecidos com os do Daesh, salientam-se as grandes diferenças entre o que a Al-Qaeda defende e pratica face à ideologia e ação do Daesh. Para tal adota-se a excelente análise de Sajjan M. Gohel (2017) que sintetiza a visão e estratégia anunciada tanto pelo líder da Al-Qaeda, Ayman Al-Zawahiri, como pelo porta-voz da Al-Qaeda, Adam Yahiyeh Gadahn (publicada na revista *Ressurgence*²⁰).

A primeira grande transformação da Al-Qaeda é a dedicação ao espaço próximo das nações muçulmanas²¹ em vez de se dirigir, como foi a sua narrativa até 2010,

18 “A Europa e os EUA são apenas mais um teatro de operações do Daesh” (Duarte, 2017, p. 160).

19 “Em 5 de janeiro de 2017, a Al-Qaeda lançou uma mensagem de al-Zawahiri: a todos os que não se submetem a Alá, que tinha por objetivo principal confirmar as credenciais jiadistas e restabelecer as prioridades operacionais da Al-Qaeda e, ao mesmo tempo, denunciar o Daesh” (As-Sahab, 2015, p. 61).

20 Ver As-Sahab Media (2015).

21 “A Al-Qaeda conseguiu estabelecer-se em áreas estratégicas, como a Al-Qaeda da Península Arábica, e de se juntar e explorar grupos jiadistas pré-existentes, como os Talibãs no Afeganis-

contra o inimigo afastado, os Estados Unidos da América. Outra das grandes *nuanças* da atual estratégia é capitalizar os descontentes da ação brutal do Daesh para o lado da Al-Qaeda, mostrando um caminho menos violento e mais estruturado e respeitador. A união dos crentes em torno da *Umma* sempre foi, também, uma ambição da Al-Qaeda, desde a sua fundação²², mas agora aparece mais consolidada²³.

Zawahiri não fez qualquer declaração pública, desde setembro de 2014 até agosto de 2015, o que demonstra inteligência e frieza face à atuação do seu grande rival, o Daesh. É importante não ter ilusões, por mais divididos e em conflito aberto que se encontrem a Al-Qaeda e o Daesh, ambos sabem e continuarão a saber tirar partido das ações do outro contra o inimigo comum, que é simbolizado pelos “ocidentais”, os “EUA” ou “o Grande Satã e os seus aliados”. A extensa entrevista de Adam Yahye Gadahn, entretanto morto por um ataque no verão de 2015, é a prova mais viva deste sentimento. A aversão da Al-Qaeda ao Daesh é imensa (e vice-versa), e as críticas são ferozes à forma como lidam dentro do mundo muçulmano, mas a ação contra os “ocidentais” continua como o mote mais perseguido da sua retórica. O primeiro fator, que gostaríamos de destacar, foi o juramento sagrado que Zawahiri fez, no Verão de 2015, ao novo líder dos Talibãs, Mullah Mansour. Recordemos que Osama Bin-Laden tinha feito o mesmo juramento ao líder Mullah Omar e que sempre honrou a sua obediência. Este juramento (*Ba'yat*) mostra várias das dimensões da estratégia de Zawahiri. Primeiro que o Afeganistão e Paquistão, o projeto dos Talibãs, continuam como relevantes para a Al-Qaeda. Em segundo lugar que apoiam a existência física de “Estados Islâmicos” onde defendem, claramente, e ao contrário do Daesh, que o modelo político e a forma de aplicação da *Sharia* deve

tão ou o Al-Shabaab na Somália. Estes grupos tinham agendas puramente nacionais e não estavam a pensar num califado mas bin Laden conseguiu alterar este pensamento de forma hábil, manipulando os seus objetivos para integrarem o movimento jiadista global” (Gorka, 2016, p. 82).

- 22 “Azzam [um dos fundadores e principais ideólogos da Al-Qaeda] advogava o estabelecimento de um califado que englobasse a totalidade das terras muçulmanas (...) a recuperação das terras que foram islâmicas, incluindo a Palestina, a Somália e o Al-Andaluz (...) Os inimigos próximos teriam de ser depostos antes de se proceder com o combate aos inimigos longínquos.” (Rato, 2016, pp. 20, 23 e 25). Para além da estratégia anunciada por Azzam na sua *fatwa* “Defense of the Muslims Lands” também foi determinante a publicação da obra do Brigadeiro-General Malik *The Quranic Concept of War* que definiu uma estratégia de recurso ao terror como tática principal sobre a “alma” do adversário – sobre os infiéis e não sobre as nações (Gorka, 2016, p. 106).
- 23 “Mesmo que o *inimigo afastado* se mantenha como prioridade, e que não será abandonado pela Al-Qaeda, al-Zawahiri renovou uma nova fase operacional sobre o *inimigo próximo*, tentando criar bases em todo o mundo islâmico para que a Al-Qaeda e as suas afiliadas possam crescer e desenvolver-se” (Gohel, 2017, p. 54, *italico no original*).
-

seguir a doutrina Talibã. Por fim, prova que a sua estratégia tem várias dimensões globais, que incluem a de apoiar regimes políticos (como o dos Talibãs – estes, por sua vez, também apontam o exemplo de Zawahiri como um líder internacional da “*jihad* global”)²⁴ e, simultaneamente, conseguir a destabilização de outras regiões. Gadahn faz a apologia dos Talibãs, na entrevista referida, dedicando muitas das suas palavras a elogiar a forma exemplar como os Talibãs governavam e, mesmo reconhecendo alguns abusos, afirma que é o projeto mais consolidado no mundo como exemplo de um verdadeiro “Estado Islâmico”²⁵.

As diferenças mais significativas (anunciadas), entre a Al-Qaeda e o Daesh, serão então: (1) apelos ao rapto de ocidentais, para troca com jiadistas, por parte da Al-Qaeda, enquanto o Daesh executa e decapita os reféns (Gohel, 2017, p. 55); (2) a Al-Qaeda ataca as lideranças iranianas mas pede para que não se ataquem os xiitas, enquanto o Daesh declara os xiitas apóstatas e promove a perseguição e execução dos mesmos acusando, simultaneamente, a Al-Qaeda de ter relações especiais com o governo do Irão²⁶; (3) a Al-Qaeda acusa o Daesh de serem carijitas ou “neo-carijitas”²⁷, que incentivam a divisão sectária e o princípio *taqfir* aplicado a outros muçulmanos enquanto que, para o porta-voz da Al-Qaeda, Gadahn, “o sangue muçulmano é sagrado” e como tal não se podem atacar outros muçulmanos, incluindo os xiitas²⁸; (4) a Al-Qaeda aceita a imagem e a informação nas plataformas mediáticas como essenciais para uma comunicação “séria” e acusa o Daesh de vulgarizar a violência furtiva como se de um videojogo se tratasse (As-Sahab, 2015,

24 “Manifestou o seu *bay-ah* perante o novo líder dos Talibãs, Mullah Mansour, mas também o descreveu como o Emir Al-Mu’minim (“comandante dos Fiéis”) em vez de usurpar o título para si e, assim, desafiar o anúncio de Abu Bakr a-Baghdadi como Califa. Mansour aceitou o juramento e retribuiu descrevendo al-Zawahiri como o “líder da Organização Jiadista Internacional” (Gohel, 2017, p. 59).

25 Ver as páginas 35 a 38 da entrevista de Gadahn: “Em geral, o Emirato Islâmico [o regime Talibã no Afeganistão] distingue-se pelo seu equilíbrio, pela flexibilidade e por uma abordagem da *Sharia* com uma política consequente (*as siyaasah al-shar’iyyah*)”. No campo oposto, o Daesh costuma fazer fortes ataques aos Talibãs como se pode ler na *Rumiyah* n.º 10, de junho de 2017, onde os acusam de estar ao lado da Rússia e do Irão (Gohel, 2017, pp. 42-43).

26 Al-Adnanni, o porta-voz do Daesh, fez essa acusação em 2014 (Gohel, 2017, p. 60).

27 Ver o meu livro *Resposta ao Jiadismo Radical* onde explico, com detalhe, o aparecimento deste grupo. Os carijitas ou neo-carijitas não são, muito resumidamente, nem sunitas nem xiitas, são “literalistas” que afastam qualquer tipo de racionalidade para o Islão – o Rei da Jordânia, o Presidente do Egito, entre muitos outros, deixam bem claro que o Daesh não pode, nem deve, ser confundido com sunismo ou xiismo – são carijitas, ou seja, são “fora da lei do Islão”. Ver, por exemplo, a entrevista do Rei da Jordânia à CNN em 2015 sobre este aspeto e disponível em <http://edition.cnn.com/videos/tv/2016/01/13/jordans-king-abdullah-wolf-blitzer-intv-part-1-tsr.cnn>.

28 Na página 72 da entrevista de Gadahn estão os grandes pontos da discórdia da Al-Qaeda face ao Daesh.

p. 72); (5) que ninguém se pode autoproclamar como Califa, como fez Abu Bakr Al-Baghdadi (líder do Daesh) sem consultar as chefias da “*jihad* global”; (6) que nada justifica o massacre de milhares de vítimas inocentes, bem como a sua exploração e violação consistente, como faz o Daesh nos ataques e na exploração de mulheres e crianças yazidis (ou outras origens) capturadas; (7) que as lideranças locais devem sempre prevalecer sobre os que chegam de fora ao contrário do Daesh que coloca combatentes estrangeiros a governar áreas conquistadas; (8) que se deve recorrer à arbitragem e aos pareceres jurídicos (dos *fuqahaa*) (As-Sahab, 2015, p. 64), para resolver diferendos ou interpretações entre muçulmanos, enquanto o Daesh recusa liminarmente estas práticas acusando de serem consideradas *bid'ah* (inovação).

A estratégia da Al-Qaeda parece então apoiar-se nas seguintes linhas: (1) voltar a atacar, sempre que possível, alvos nos Estados Unidos ou na Europa ou os de outros aliados principais mas, por enquanto, apostar mais, ou seja, prioritariamente (esta é uma alteração significativa face à estratégia anterior de Bin Laden) em alvos ocidentais dentro dos países muçulmanos; (2) direcionar o esforço interno para as grandes regiões do Afeganistão, Paquistão, Índia, Bangladesh e para a Ásia em geral (Gohel, 2017, p. 58; Gad As-Sahab, 2015, p. 84)²⁹; (3) incentivar a ação individual (de lobos solitários) em todo o mundo; (4) relançar o nome dos bin-Laden através do filho Hamza (também conhecido por Abu Moaz e que está casado com uma das filhas de Zawahiri) apresentado como o “filho do *Leão da Jihad*”; (5) demonstrar aos jihadistas em geral que o modelo da Al-Qaeda é mais estruturado, consequente e aceite, que a violência defendida pelo Daesh; (6) atacar a liderança iraniana chamando-lhes de “safávidas” (relembrando os projetos imperiais persas contra a destruição das minorias sunitas no Iraque) mas separando o combate político de um ataque à religião xiita; (7) reforçar a linha política de Sayyid Qutb³⁰, denunciando a “moderação exagerada” que teve a Irmandade Muçulmana no exercício do poder no Egipto e na exposição, simultânea, da hipocrisia ocidental em

29 A Índia é uma das prioridades. Curiosamente, também o Daesh na sua revista *Rumiyah* n.º 10, de junho de 2017, direciona toda a sua atenção para a Ásia.

30 No capítulo sobre a *Jihad* em Sayyid Qutb (1964, pp. 45-60) pode-se ler de forma muito clara: “Para se estabelecer o Domínio de Deus em todo o Mundo, abolir o domínio do Homem (...) impor a Divina Lei da *Sharia* retirando todas as outras leis escritas por homens, não se consegue através da pregação (...) Como o objetivo da mensagem do Islão é a declaração decisiva da liberdade do Homem, não meramente uma reflexão filosófica mas sobre as reais condições de vida, temos de empregar a *Jihad* (...) Deus instrui que devemos dar um passo em frente e tomar o controlo da autoridade política para implementar o sistema divino no planeta embora mantenha o princípio da escolha de fé como uma escolha individual”. Ou seja, permitindo a alguns seguir a sua própria fé mas, sem qualquer dúvida ou discussão, dentro dum sistema político Islâmico de acordo com a governação divina. Referências também muito claras nos documentos encontrados com Osama bin Laden aquando da sua captura no Paquistão (Flynn, 2016, p. 5).

apoiar um golpe militar; (8) apoiar a luta de todos os muçulmanos contra os “tiranos” para conseguir a sua libertação, buscar a cooperação entre *mujahedins* e procurar chegar a um “Califado Universal” com base na *Umma* e assente na *Sharia*.

Os Grupos Autônomos

A Rússia tem no seu imenso território vários movimentos jiadistas que operam com grande autonomia face ao Daesh e à Al-Qaeda. Embora haja inúmeros combatentes nas fileiras destes grandes grupos originários das províncias russas (Chechênia em particular), os principais objetivos traçados são muito precisos e geo-localizados. Essa diferenciação também é clara nos Uigures chineses, nos grupos indonésios, das Filipinas, entre os indianos ou no norte de África. Entre os mais falados estão a Jemaah Islamiyah (Indonésia), Lashkar-e-Taiba (Paquistão)³¹ e Ansar-al Sharia (Líbia). Também existem grupos, nestes mesmos espaços, afiliados ao Daesh e à Al-Qaeda, mas a sua ação tem demonstrado uma estratégia com objetivos muito precisos. Também existem grupos de combatentes, que para uns são terroristas e para outros são movimentos guerrilheiros, como os Talibãs que, pela sua importância, detêm uma estratégia e objetivos muito próprios, quase sempre ao nível regional e, neste caso, são as grandes “marcas”, como a Al-Qaeda, que lhes pretendem dar apoio e destacar.

Há grupos que têm afinidades com um dos dois maiores ou com a linha de extremismo xiita, mas distanciam-se para prosseguir uma linha operacional diferenciada. É o caso, por exemplo, do Tahir Hayat Al-Sham, que na sequência da Frente Al-Nusra, se demarcou firmemente do Daesh e mostrou-se um aliado da Al-Qaeda. Depois e, em virtude da ação operacional, desligou-se da Al-Qaeda mantendo, no entanto, a sua declaração de “simpatia”.

Uma das formas de tentar perceber a variedade destes grupos é através dos mecanismos de resposta, em especial, pelos Estados Unidos da América. Na Central Intelligence Agency (CIA) existe um grupo, permanente, dedicado a acompanhar múltiplos grupos no mundo inteiro – chama-se Counter-Terrorism and Middle East (CT-ME) e é responsável pelos brífingues periódicos a quem decide (Panetta, 2014, p. 239). Uma das primeiras dificuldades é encontrar as verdadeiras dependências e objetivos autônomos que têm as grandes redes terroristas. A rede Haqqani, apoiante da Al-Qaeda e dos Talibãs, é acusada de ser ajudada pelos serviços secretos paquis-

31 A Jamaat e Islami também existe no Paquistão e em muitos dos países da Ásia: “Para Mawdudi (1903-1979), o fundador da Jamaat e Islami, que se viria a transformar na maior organização islamita na Ásia, era imperativo politizar o Islão com o objetivo de estabelecer um verdadeiro Estado Islâmico, cujos súbditos viveriam no respeito pelo Alcorão. O seu trabalho marcou o Paquistão pós-Raj da Índia. Ele ensinou que o Islão era universal: ‘Tudo no Universo é Muçulmano porque cumpre a submissão a Alá e às suas leis’” (Gorka, 2016, p. 64).

tanenses que também permitiram o santuário da Al-Qaeda, situado na FATA (Federal Administrative Tribal Area) dentro do território paquistanês. Foi nesta última área onde se planejaram os ataques, felizmente gorados, contra dez aviões comerciais americanos em 2006, ou contra o Hotel Marriot em Islamabad em 2008 (Panetta, 2014, p. 241)³².

Através dos mecanismos de resposta são encontradas, muitas das vezes, as pontas soltas dos apoios e das ligações entre estruturas, aparentemente, dissociadas. A tática antiterrorista prevê manobras diplomáticas, monitorização dos fluxos financeiros, ações encobertas de espionagem, de infiltração de agentes até às ações diretas de ataque militar contra os grupos. “Find, Fix and Finish” é o mote para a ação final contra os grupos, geralmente executada pelas operações especiais militares em todo o globo. Assim conseguimos perceber onde e como se classificam os variados grupos que pretendem uma determinada causa ou ação. Por exemplo, quando a comunidade internacional decidiu, em 2011, iniciar conversações com os Talibãs, separou claramente a classificação destes, como grupo insurgente, da classificação de terrorista atribuída à Al-Qaeda (Panetta, 2014, pp. 249 e 251).

Para além das possíveis classificações dos movimentos também temos a caracterização, sempre presente, da dimensão geopolítica na determinação de quem age e de quem responde. Um grupo pode agir dentro de um Estado, de forma regional, de forma global ou ter aspirações transnacionais, ou mesmo, como é o caso da narrativa extrema da Al-Qaeda e do Daesh, supranacionais. Daí que determinados grupos, que se afirmam jiadistas, muitas vezes pretendem, mais do que uma ideia, afirmar uma posição local com vista a uma maior autonomia dentro do Estado ou procurando alterar a política do Estado em geral³³. No âmbito regional temos grupos que ambicionam, muitas vezes, criar um novo espaço à custa de parcelas de mais do que um Estado. Os curdos (que não são propriamente jiadistas, mas onde existem grupos associados, como o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), que é considerado como terrorista pela União Europeia e pelos EUA, são um bom exemplo porque, embora parecendo todos caminhar no sentido de formar o “tão desejado” Curdistão, atuam de forma diferente conforme o ambiente geopolítico o permita – os Curdos do Iraque, da Síria, do Irão e da Turquia porque, as respostas, neste caso com mais do que um Estado, são muito diferentes caso a caso e conforme

32 Na página 379 pode mesmo ler-se uma afirmação do antigo Secretário da Defesa e Diretor da CIA dos EUA, corroborando o parecer do Joint Chief, Almirante Mullen: “A rede Haqqani, um grupo insurgente na frente do combate contra as forças americanas no Afeganistão, era um braço armado do serviço de informações do Paquistão”.

33 Como tem sido característica do Grupo Abu Sayaf, que embora se tenha declarado afiliado ao Daesh tem, há muito, procurado conseguir a autonomia/independência de uma das principais ilhas das Filipinas. Ver França (2017).

os restantes poderes que apoiam³⁴. Temos grupos que anunciam objetivos de caráter global, como a Al-Qaeda e o Daesh mas que, como vimos, o que define a sua atuação é muito mais a forma organizada ou caótica face ao “concerto global” que se lhes opõe. Para fazer frente às ameaças transnacionais deve haver coerência e concertação estratégica, mas os interesses e os inúmeros alinhamentos geopolíticos (os labirintos das relações internacionais), impedem uma ação global e concertada por parte dos Estados. Por sua vez, os Estados, como entidades políticas supremas na ordem internacional, são os principais visados por estes grupos que defendem a existência de entidades supranacionais como objetivo final.

Em síntese, embora existam, de uma forma ou de outra, muitos movimentos jiadistas que se identificam com um dos dois grandes ou com outras afiliações gerais, na prática, atuam completamente dissociados e de forma independente.

Os Grupos Híbridos

A discussão é intensa nos Estados Unidos da América, mas também o tem sido em inúmeras regiões do mundo: a Irmandade Muçulmana (IM) é um grupo terrorista? É um Movimento jiadista violento? É um Movimento jiadista não violento? Ou é um simples partido político? E a Frente Islâmica de Salvação (FIS) da Argélia e a sua ligação ao Grupo Islâmico Armado (GIA) na Argélia? E o caso do Hamas? E como se classifica o grupo xiita Hezbollah? Há mais casos mas estes são dos mais conhecidos e de muito difícil objetivação. Os factos políticos dizem que a IM no Egipto, a FIS na Argélia e o Hamas na Palestina, ganharam eleições de forma legítima, que defendem projetos políticos sem recorrer à violência³⁵. Mas, por diversas razões e por motivos nem sempre claros e demonstráveis, foram ilegalizados, acusados de subverter regras democráticas e, até, de apoiar a violência.

A obra recentemente publicada por José Manuel Rosendo, *Ascensão e Queda da Irmandade Muçulmana no Egipto*, apresenta boas pistas no caso do Egipto, pelo que não entraremos em detalhes. O que importa salientar, como está bem evidente na obra de Michael Owen, *Islão Político*, é que há muitas formas de perseguir um determinado jiadismo sem que a violência tenha de fazer parte da escolha estratégica.

Há grupos, como o Hezbollah ou o Hamas, que são considerados partidos políticos por uns, movimentos de defesa, milícias armadas, grupos jiadistas ou mesmo terroristas por outros. Como apresentam programas políticos, demonstram ações reais de apoio social e de integração das comunidades, torna-se difícil encontrar consensos na sua caracterização. O Hezbollah, por exemplo, apontado como terrorista

34 Ver o excelente artigo de Franc Milburn (2017) sobre os grupos curdos no Irão.

35 O critério atual dos EUA inclui a relevância do grupo representar, ou não, uma ameaça ao país, aumentando assim a complexidade de análise. Ver <https://www.state.gov/j/ct/rls/other/des/123085.htm>.

pelos EUA, Canadá, Argentina, Israel, por várias das monarquias do golfo (entre outros) (Observador, 2016), também se divide na ação conforme a área onde atua, do Iraque à Síria³⁶, do Líbano ao Iémen e, de acordo com o líder regional que o representa. O Hamas, histórico, também considerado terrorista por muitos Estados, apresenta princípios de atuação que são diferentes do que defendem nos dias de hoje (Middle East Eye, 2017), à imagem dos princípios defendidos pela IM de Hassan Al Banna (em 1937) e da Irmandade Muçulmana de Morsi (em 2014) (BBC, 2013). Nada garante também que os princípios defendidos no início de um projeto não mudem na sua evolução futura, como é a história dos partidos nazis, anarquistas e outros. Podem ter uma retórica pacifista e mudar para a violência ou começar pela violência e mudar para uma retórica pacifista sem recurso à violência. Também podem delegar em outras entidades subsidiárias (o Hamas, político, nas Brigadas Izzedine al-Qassam³⁷ para a ação violenta ou, ao contrário, o IRA, violento, no Sinn Féin, político³⁸) para partidos e movimentos que não apelam à violência para impor a sua ideia. Estes, o que usam a violência, são os que denomino de grupos de apoio. São geralmente jiadistas (que se reveem no extremismo sunita ou xiita) e que apoiam partidos políticos (ou movimentos). Se fazem mesmo parte, se estão associados ou se nada têm a ver e apenas reclamam pertença é tema para outra análise que garantimos ser muito difícil e nada consensual. Mas, mesmo quando há dificuldade em caracterizar grandes movimentos políticos como violentos, ou mesmo terroristas, é sempre possível encontrar movimentos jiadistas que com eles se identificam.

Da Escolha ou não pela Violência

Aprofundando a visão estritamente jiadista, assistimos em inúmeros países, desde os Estados Unidos, a Europa, a Austrália, em África ou na Ásia, como alguns movimentos que propunham, inicialmente, “narrativas jiadistas” de imposição de sistemas rígidos sem o recurso direto à violência, se transformaram, de um momento para o outro, em grupos terroristas. Basta lembrar os recentes ataques no Reino Unido para recordar que alguns dos atacantes já tinham sido avistados a fazer propaganda violenta e, depois, porque deixados em liberdade, acabaram mesmo por a executar³⁹.

36 Onde atua em conjunto com a Guarda Revolucionária do Irão, tornando a sua classificação ainda mais complexa (Ranstorp, 2016).

37 Ver breve descrição das ligações do Hamas e das brigadas referidas, bem como o anúncio de uma retórica muito distinta da inicial, a partir de maio de 2017, disponível em <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-13331522>.

38 Pode ser encontrada uma breve explicação para esta separação, na ação, em <https://www.britannica.com/topic/Sinn-Fein>.

39 Como um dos terroristas dos atentados em Londres que apareceu num documentário do Channel Four, ver <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2016/jan/20/jihadis-next->

O estudo da narrativa, a análise do discurso, a procura das mensagens e da propaganda efetuada, boca a boca, em mesquitas, em madraças, em espaços públicos variados, em papel ou por DVD, *online* ou nos *media*, as “guerras das ideias” têm de ser escrutinadas⁴⁰. Há terror nas palavras que se podem transformar em terror efetivo nas ações⁴¹. Expor narrativas violentas, fundamentalistas e irracionais é essencial⁴². Tudo o que puser em causa a Declaração Universal dos Direitos Humanos deve ser exposto, discutido e rebatido. Depois é essencial a construção da contranarrativa, o de provar os corretos entendimentos de mensagens racionais, abrangentes e pacíficas, as que garantem igualdade de oportunidades e liberdade para escolher, aderir, sair e mudar de opinião.

Na pureza do sentido da palavra *jihad*, a existência de movimentos que buscam e procuram obter dominações através da imposição da *Sharia*, usando para isso o número dos adeptos e o poder do voto, afastará estes grupos da classificação de jiadistas⁴³? É de difícil resolução até porque, a escolha pela violência pode não ocorrer até à tomada do poder mas poderá tornar-se visível imediatamente após a mesma. Vários grupos, movimentos políticos, afirmam a não-violência mas a sua prática, tanto a passada como a posterior, podem provar uma intenção obscura de recorrer à violência; já demos o exemplo da Irmandade Muçulmana mas pode-se também apresentar os casos da Frente de Ação Islâmica da Jordânia ou o Hizb-ut-Tahrir da Crimeia (Stephan, 2009, p. 66)⁴⁴. Poderá ser a escolha da violência, após a tomada do poder, que ditará a forma do movimento se, na prática governativa

door-review-channel-4-isis-abu-rumaysah. Ver também, por exemplo, as entrevistas na CNN a vários destes radicais que podiam andar, em liberdade, a espalhar mensagens de violência e de ódio (Amanpour, 2007).

- 40 “Em especial, em nações árabes e muçulmanas, a guerra das ideias está em ascendência. Inflamou milhões de leitores, espetadores e ouvintes, transformando grande número deles em militantes e manifestantes, alguns em bombistas suicidas, e muitos em votantes” (Phares, 2007, p. 11).
- 41 “Os críticos argumentam, embora seja verdadeiro, que muitos dos islamitas não violentos nunca se tornarão radicais, é inquestionável que alguns sim. Umar Farouk Abdulmutallah, que tentou detonar uma bomba num avião sobre os EUA no dia de Natal de 2009, e Cüneyt Çifti, o primeiro bombista suicida alemão, são dois exemplos de militantes cuja radicalização começou em grupos islamitas não violentos antes de progredirem para a violência” (Vidino, 2010).
- 42 Disponível em <http://www.religionandgeopolitics.org/ideology/islamism-and-jihadism-difficult-conversation>.
- 43 “Salafistas, wahabistas, takfiris, tablighis, e outros sunitas islâmicos rejeitam o conceito de pluralismo e opõem-se, de forma radical, ao governo popular. Só Alá e os seus ensinamentos, afirmam, podem ser a base da governação” (Phares, 2007, p. 11). Rabil distingue três tipologias, bastante distintas de salafismo: *Madkhalis* (que se separa em absoluto de qualquer atividade política); *Harakis* (ativistas na política e muitas vezes identificados com a Irmandade Muçulmana) e os *Salafi-Jihadis* (que defendem o restabelecimento do Califado com recurso à violência) (Rabil, 2014, p. 3).
- 44 Ver http://www.files.ethz.ch/isn/125726/RU_41.pdf.

posterior, se verificar efetivamente que a violência é exercida contra outras minorias, ou diferentes religiões. Mas ainda assim, estaremos a confundir jihadismo com ditaduras? Não, a resposta não é fácil e requer uma análise detalhada caso a caso.

Em Síntese

Não pode ser apenas o meio que determina a classificação de um movimento de jihadista mas sim o fim que persegue. Sabemos que muitos dos nazis mais brutais e violentos, ou os algozes de Pol Pot, eram, antes de se iniciarem na atividade da violência, simples simpatizantes de um ideal político que propunha fins totalitários e excludentes. De um momento para o outro, seres humanos com elevada preparação académica e com aparentes valores sociais, transformaram-se em seres brutalizados, capazes dos atos mais inomináveis⁴⁵. Não mudou o que pensavam, mudou a forma de o imporem, mas através de um estudo atento da narrativa e da ideologia que o propunha, podia-se fazer adivinhar o caminho que perseguiriam.

É fundamental estudar cada movimento em detalhe. O que pretende, o que defende, os meios que está disposto a usar, com recurso ou não à violência, para o atingir. É muito relevante encontrar as diferenças entre a Al-Qaeda e o Daesh, entre os vários ramos e afiliados, entre os muitos grupos autónomos e os casos híbridos de partidos políticos que também se confundem com movimentos jihadistas ou, simplesmente, contam com um braço armado em determinados grupos de apoio. É essencial, ainda, estudar movimentos que se afirmam de não violentos mas que defendem objetivos políticos muito idênticos aos grupos anteriormente enunciados.

O terrorismo, como técnica ou tática, é perene, mas os grupos que o usam não. Podemos vencer, com determinação, com clareza nas abordagens, que terão de ser distintas e viradas para cada um, nos múltiplos grupos em concreto. No geral, temos e devemos de atuar com determinação implacável, na defesa de direitos e valores que consideramos universais⁴⁶. Esses não se discutem e têm de ser aplicados e garantidos, contra a retórica ou contra a ação, violenta ou pré-violenta.

Referências

Al-Suri, A-M., 2004. *The Call to Global Islamic Resistance*. CENTRA Technology, Inc, trans., sponsored by the DCIA Counterterrorism Center, Office of Terrorism Analysis, EUA. Disponível em www.opensource.gov/portal/server.pt/gateway/PTARGS_0_0_6093_989_0_43/http%3B/apps.opensource.gov%3B7011/opensource.gov/content/Display/6719634/pdf?file=2006.pdf.

⁴⁵ Ver, por exemplo, Holocaust Encyclopedia. Disponível em <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007080>.

⁴⁶ Como aparecem, cada vez mais, iniciativas importantes para dar respostas também internas. Ver Barcelona Centre for International Affairs (2017).

- Al-Tamimi, A. J., 2016. How the Islamic State Governs. *The Journal of International Security Affairs* n.º 30. Disponível em <http://www.securityaffairs.org/issues/number-30>.
- Amanpour, C., 2007. Amanpour: Radical, moderate Muslims battle for young English minds. CNN, 22 de janeiro. Disponível em <http://edition.cnn.com/2007/WORLD/europe/01/17/warwithin.amanpour/index.html>.
- Andrews, J., 2016. *Os Grandes Conflitos Mundiais: Uma Análise Estratégica sobre as Zonas mais Perigosas e as Ameaças à Estabilidade do Nosso Mundo*. Lisboa: Clube do Autor.
- As-Sahab Media, 2015. An Exclusive Interview with Adam Yahiye Gadahn. *Ressurgence*. Disponível em https://azelin.files.wordpress.com/2015/06/al-qc481_idah-e2809cresurgence-2e280b3.pdf.
- Barcelona Centre for International Affairs, 2017. Resilient Cities: Countering Violent Extremism at Local Level. Disponível em https://www.cidob.org/es/actividades/temas/seguridad/resilient_cities_countering_violent_extremism_at_local_level#.WTqssw-a4d0.facebook
- BBC, 2013. Profile: Egypt's Muslim Brotherhood. *BBC*, 25 de dezembro. Disponível em <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-12313405>.
- Duarte, F. P., 2017. O futuro do DAESH no mundo ocidental. Em A. Mateus, *Olhar o Mundo*. Lisboa: Marcador, pp. 153-166.
- Flannery, F. L., 2016. *Understanding Apocalyptic Terrorism: Countering the Radical Mindset*. London: Routledge.
- Flynn, M. T., 2016. *The Field of Fight: How We Can Win the Global War against Radical Islam and its Allies*. New York: St. Martin's Press.
- França, A., 2017. Que faz o Daesh no sul das Filipinas? *Observador*, 3 de junho. Disponível em <http://observador.pt/2017/06/03/que-faz-o-daesh-no-sul-das-filipinas/>.
- Gohel, S. M., 2017. Deciphering Ayman Al-Zawahiri and Al-Qaeda's Strategic and Ideological Imperatives. *Perspectives on Terrorism*, 11(1), pp. 54-67. Disponível em <http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/577>.
- Gorka, S., 2016. *Defeating Jihad: The Winnable War*. Washington: Regnery Publishing.
- Holocaust Encyclopedia (sem data). Disponível em <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007080>.
- Humud, C.; Pirog, R. e Rosen, L., 2015. *Islamic State Financing an U.S. Policy Approaches*. Washington: Congressional Research Services. Disponível em <https://fas.org/sgp/crs/terror/R43980.pdf>.
- ISIS/Daesh, 2014-2016. *Dabiq* (n.º 1 a 15). Disponível em https://ds-dupal.haverford.edu/aqsi/resources/jihadi-magazines?sort_by=title&sort_order=DESC&page=2&order=title&sort=desc.
- ISIS/Daesh, 2016-2017. *Rumyiah* (n.º 1 a 10). Disponível em https://ds-dupal.haverford.edu/aqsi/resources/jihadi-magazines?sort_by=title&sort_order=DESC&page=2&order=title&sort=desc.

- Luizard, P-J., 2016. *A Armadilha Daesh*. Lisboa: Antígona.
- Middle East Eye, 2017. Hamas in 2017: The document in full. *Middle East Eye*, 1 de maio. Disponível em <http://www.middleeasteye.net/news/hamas-charter-1637794876>.
- Milburn, F., 2017. Iranian Kurdish Militias: Terrorist-Insurgents, Ethno Freedom Fighters, or Knights on the Regional Chessboard? *CTS Sentinel* n.º 5. Disponível em <https://www.ctc.usma.edu/posts/iranian-kurdish-militias-terrorist-insurgents-ethno-freedom-fighters-or-knights-on-the-regional-chessboard>.
- Naji, A. B., 2006. *The Management of Savagery: The Most Critical Stage through which the Umma Will Pass*. Disponível em <https://azelin.files.wordpress.com/2010/08/abu-bakr-naji-the-management-of-savagery-the-most-critical-stage-through-which-the-umma-will-pass.pdf>.
- Nance, M., 2016. *Defeating ISIS: Who They Are, How They Fight, What They Believe*. New York: Skyhorse Publishing.
- Nance, M., 2015. *The Terrorists of Iraq*. Boca Raton: CRC Press.
- Observador, 2016. Líder do movimento xiita libanês Hezbollah recusa acusações de terrorismo de monarquias do Golfo. *Observador*, 3 de junho. Disponível em <http://observador.pt/2016/03/06/lider-do-movimento-xiita-libanes-hezbollah-recusa-acusacoes-terrorismo-monarquias-do-golfo/>.
- Owen, J. M., 2016. *O Islão Político: Ontem e Hoje*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Panetta, L., 2014. *Worthy Fights: A Memoir of Leadership in War and Peace*. New York: Penguin Books.
- Phares, W., 2007. *The War of Ideas: Jihadism against Democracy*. New York: Palgrave Macmillan.
- Pires, N. L., 2016a. *Resposta ao Jihadismo Radical*. Lisboa: Nexo.
- Pires, N. L., 2016b. Do Terrorismo Transnacional ao Choque de Valores. *Nação e Defesa* n.º 143, pp. 79-87.
- Qutb, S., 1964. *Milestones*. Disponível em <http://holybooks.lichtenbergpress.netdna-cdn.com/wp-content/uploads/Milestones.pdf?5c9fb2>.
- Rabil, R., 2014. *Salafism in Lebanon: From Apoliticism to Transnational Jihadism*. Washington: Georgetown University Press.
- Ranstorp, M., 2016. Hezbollah's calculus after the Iran nuclear deal. *CTS Sentinel* n.º 1. Disponível em <https://www.ctc.usma.edu/posts/hezbollahs-calculus-after-the-iran-nuclear-deal>.
- Rato, V., 2016. Nos Desertos de al-Zarqawi: da Al-Qaeda ao Estado Islâmico. *Nação e Defesa* n.º 143, pp. 10-42.
- Rosendo, J. M., 2017. *Ascensão e Queda da Irmandade Muçulmana no Egipto*. Lisboa: Edição do autor.
- Stephan, M. J., 2009. *Civilian Jihad: Nonviolent Struggle, Democratization, and Governance in the Middle East*. New York: Palgrave Macmillan.
- Vidino, L., 2010. The Role of Non-Violent Islamists in Europe. *CTS Sentinel* n.º 3. Disponível em <https://www.ctc.usma.edu/posts/the-role-of-non-violent-islamists-in-europe>.